

Na virada do século

SÉCULO TERMINARÁ EM FRUSTRAÇÃO COM OS EXORBITANTES CUSTOS SOCIAIS E AMBIENTAIS DO CRESCIMENTO

IGNACY SACHS

Apesar de duas guerras terrivelmente destruidoras, o século 20 conheceu um fabuloso crescimento econômico. Segundo a revista *Alternatives Economiques*, o PIB mundial foi multiplicado por 17,5, ou seja, aumentou quase cinco vezes per capita, já que a população, que era de 1,7 bilhão em 1900, acaba de ultrapassar o marco de 6 milhões.

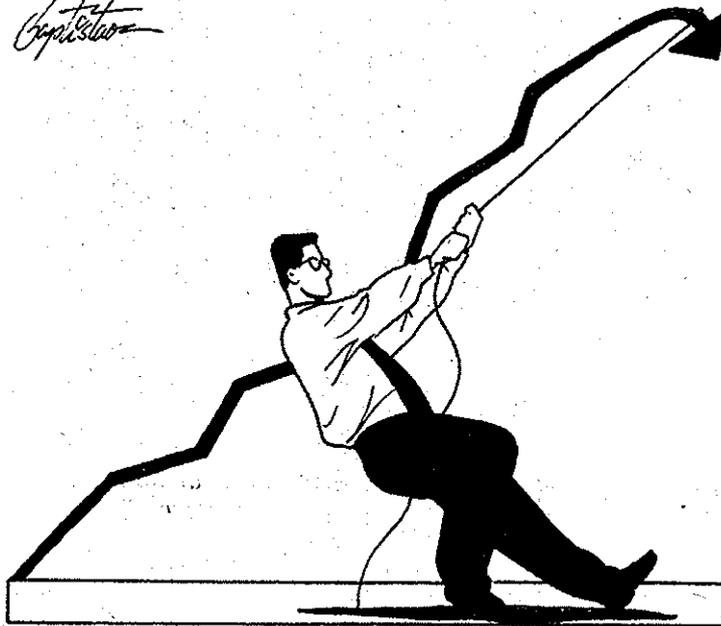
O Brasil tem sido, ao lado do Japão, um campeão do crescimento até 1980. De acordo com os cálculos de Evandro Mesquita, ostentou durante 130 anos uma taxa histórica de 4,14% ao ano, com um pico de 7,15% anuais entre 1946 e 1980 e uma forte queda nas duas últimas décadas.

Podia-se pensar que seriam assim criadas as condições materiais para resolver definitivamente todos os problemas sociais, relegando a miséria, a fome e a exclusão social a uma recordação do passado. Com um PIB de ordem de US\$ 6 mil por habitante, o mundo produz mais do que necessário para proporcionar a todos a segurança alimentar e um razoável conforto.

Não é absolutamente o caso. O século termina numa enorme frustração, devido aos exorbitantes custos sociais e ambientais do crescimento econômico nas suas formas atuais.

Quase um terço da força de trabalho mundial – 1 bilhão de homens e mulheres – está atingido pelo desemprego, subemprego ou precarização das condições de trabalho, até mesmo nos países industrializados. Oi-

Capitulação



centos milhões de pessoas passam fome ou são gravemente subnutridas. As disparidades na distribuição da renda, dentro dos países e entre os países, se aprofundam cada vez mais. O conhecido historiador Paul Bairoch calculou que a relação entre a renda per capita dos futuros países industrializados e dos futuros países do Ter-

ceiro Mundo era de 3 a 1 em 1900, passando para 7 a 1 nos anos 90. No que diz respeito aos custos ambientais, o diretor do WWF Internacional, Claude Martin,

considera que o capital da natureza foi amputado em um terço no decorrer dos últimos 25 anos (*Internacional Herald Tribune*, 3/11/1999).

O Brasil não escapa à regra. Disputa também o título de campeão das disparidades sociais em virtude do crescimento pela desigualdade. Em 1990 os 10% dos brasileiros mais ri-

cos recebiam rendimento de trabalho mais de 60 vezes superior ao dos 10% mais pobres. Em 1960, a relação era de 33 a 1. Estima-se que nas grandes cidades o desemprego e o subemprego afetam 1 em cada 5 habitantes e a informalidade, outros 2. De 1940 a 1998, o poder aquisitivo do salário mínimo baixou em 70%, enquanto cerca de 40% dos trabalhadores continuam a ganhar menos de dois salários mínimos. Os estragos ambientais provocados pelo crescimento desordenado da economia, a urbanização galopante e a apropriação predatória dos recursos naturais têm sido repetidamente analisados nas colunas do *Estado* por Washington Novaes.

Para completar o quadro sombrio, as relações Norte-Sul passam por um baixo astral. A baixa de preços de commodities afeta seus produtores no Terceiro Mundo trazendo enormes benefícios aos países industrializados. O último relatório da Unctad considera com razão que o século termina num

clima de crise e de mal-estar em relação aos conselhos de política ministrados aos países em desenvolvimento. A crise asiática mostrou que ninguém escapa à vulnerabilidade gerada pelas forças incontroladas da globalização.

A que conclusões leva este balanço?

Se queremos evitar desastres sociais e ecológicos de consequências incalculáveis, devemos envidar esforços para que o século 21 não seja uma repetição do precedente. Mesmo que a economia mundial, impulsionada pelo mercado e pela especulação financeira, volte a crescer mais rapidamente, o crescimento econômico por si só não trará os efeitos sociais benéficos como pretendem os proponentes da descredita teoria da percolação (trickle down effect).

Condições materiais e capacidades técnicas existem para superar a síndrome de crescimento selvagem. O problema é político, colocando portanto uma enorme responsabilidade sobre a classe política, no Brasil e alhures.

As relações Norte-Sul constituem um nó estratégico. Devem ser recolocadas com a máxima urgência na ordem do dia. A rodada do milênio lançada em Seattle não o fará. Há poucas chances de avançar enquanto no interesse de todos os concidadãos da Terra-Pátria no Norte e no Sul não se consegue afrouxar o controle do capital financeiro sobre o comércio, a indústria e o emprego. O Secretário-geral da Unctad tem toda razão em levar este ponto no relatório já citado.

■ Ignacy Sachs é professor-honorário da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris e co-diretor de seu Centro de Pesquisas sobre o Brasil Contemporâneo